

## Resenha

# AS FACES DA SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL E AS CONTROVÉRSIAS, POTENCIALIDADES E ARRANJOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL<sup>1</sup>

Review

The faces of social and environmental sustainability and the controversies, potential and arrangements of environmental education

Revisión

Las fases de la sustentabilidad socioambiental y las controversias, potencialidades y disposiciones de la educación ambiental

**Aloísio Ruscheinsky**

Doutor em Sociologia pela USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS.

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)  
São Leopoldo – RS - Brasil

**Endereço:**

Av. Unisinos, 950  
Cristo Rei - São Leopoldo – RS  
CEP: 93022-900

**E-mail**

aloisior@unisinos.br

Resenha recebida em 30/10/2010

Aprovada em 25/11/2010

A coletânea foi concebida a partir de alguns arranjos, controvérsias e potencialidades da educação ambiental e para uma contribuição para este campo de conhecimento, os textos percorrem desafios emergentes em debates sobre enfoques teóricos e metodológicos da sustentabilidade socioambiental. As abordagens estabelecem e fundam uma interlocução entre as proposituras da sustentabilidade e da educação em face dos conflitos socioambientais explícitos ou latentes concernentes com a crise civilizatória, sem desmerecer o âmbito das incertezas em face das alternativas propostas. O título no plural *Sustentabilidades em diálogos* representa a compreensão dos organizadores em face da polissemia dos termos e das controvérsias ou complexidade das abordagens. Além do mais, na apresentação, os organizadores afirmam que o intuito do livro emergiu dos debates sobre a temática das sustentabilidades por ocasião do III Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (III CPEASul), cuja meta foi fortalecida com o prolongamento dos contatos entre os pesquisadores.

O debate da sustentabilidade no campo socioambiental inclui o desafio da propositura de utopias e da articulação da crítica social para não sucumbir à apatia ou à naturalização das adversidades à causa ambiental, de cuja fonte bebe também a educação ambiental. O campo da educação ambiental ganha muito em relevância quando incorpora em seu horizonte questões como os conflitos socioambientais, a justiça ambiental e o estranhamento em face da cultura de consumo. Utopia? Sim, este livro é um atestado no melhor sentido das mudanças socioambientais, para o que as ciências sociais como fundamento e a educação ambiental como prática social aportam sustentáculos.

Existem razões pelas quais se redobram os significados para que a educação ambiental se apresente com a sua face de engendrar um relacionamento intersubjetivo entre indivíduos, sociedade e natureza. A pobreza da cultura política na democracia brasileira decorre, em grande medida, da fragilidade da democracia em outros campos, especialmente na distribuição dos resultados da economia, da democratização dos

bens culturais e de uma democracia que supere os aspectos nocivos do antropocentrismo. A ocasião de reflexões críticas, a partir da educação ambiental sobre o tipo de democracia que predomina, reporta-se à sua qualidade, ao enraizamento e à amplitude, pois o tipo de relacionamento entre sociedade e natureza é sintoma espantoso de uma democracia de baixa intencionalidade e densidade, quando não a oportunidade pela qual visualizamos ainda sua própria negação.

Pela ótica da justiça ambiental, nos damos conta de que bebemos, comemos, respiramos, enxergamos, habitamos e estamos mergulhados na natureza da qual dependemos. A educação pautada pela ciência e tecnologia parece tão nebuloso, quando não arcaico, articular o contrato social da modernidade com o contrato natural contemporâneo, para inserir a natureza entre os cidadãos com direitos. A cultura de consumo parece extemporâneo à proposição pedagógica de repensar, reduzir, reeducar, reutilizar, reciclar. Entre estas, a última tem tido ampla difusão e adesão, todavia, no mais das vezes, sem umnexo com as causas que tornam urgentes as outras ações estratégicas.

O livro, com a contribuição de pesquisadores e pesquisadoras compromissados com a educação ambiental emancipatória, se insere na perspectiva crítica e, para além do sentido do discurso, atenta para as práticas socioambientais. Ao contrário dos discursos sobre a questão da (in)sustentabilidade do modelo econômico vigente, explicita um visão dialógica no enfrentamento dos dilemas causados pelas escolhas de cada um e cada uma, na atualidade e no futuro, em face dos conflitos socioambientais.

O estabelecimento do diálogo é necessário e urgente entre as ciências sociais e a educação ambiental, entre o campo da ciência e da tecnologia e os efeitos das práticas socioambientais, entre as crises recursivamente aludidas e as catástrofes ambientais com frequência ascendente. Com o objetivo de estabelecer diálogos de saberes e facilitar sua compreensão, os artigos desta coletânea foram divididos em três temas. Em sua primeira parte, *Revisitando conceitos*, são retomadas ideias e epistemologias reconhecidas no campo socioambiental, mas que não perderam sua atualidade e vitalidade. Na segunda são apresentadas *Novas Sustentabilidades* a partir da perspectiva cultural e a terceira agrega artigos que abordam nexos fundamentais para a temática *As sustentabilidades e os desafios à Educação Ambiental*.

O artigo que abre a coletânea retoma ideias fundamentais do pensamento ocidental para justificar a visão de uma modernidade insustentável, cuja vitalidade vem continuamente sendo questionada por diversos paradigmas da área ambiental. Por isto o autor, com ânimo renovado, traz ao público algumas reflexões sobre as *Bases teóricas para a sustentabilidade no século XXI*, destacando em suas reflexões algumas dimensões peculiares da cultura e da espiritualidade, dimensões geralmente descuidadas, apesar de sua importância decisiva para entender a questão da educação ambiental. Por último, aborda a dimensão ética e filosófica da sustentabilidade em uma perspectiva crítica das principais correntes teóricas e epistemológicas da Modernidade, cujos fundamentos ainda alimentam as bases da educação contemporânea. Ao encerrar, enfatiza que "o desafio ambientalista não se reduz a tentar tornar sustentável à sociedade moderna. Isto é secundário frente à necessidade de nutrir o homem e mulher contemporâneos com as vivências de outros tempos, quando a vida era um campo de amor, luta e respeito, sincrético e mutável, entre os deuses, os homens e a natureza". As bases teóricas apresentadas são relevantes para a crítica ao antropocentrismo e para o questionamento da razão instrumental, que por vezes importunam a robustez da educação ambiental.

As controvérsias sobre sustentabilidade ocupam e percorrem inteiramente o artigo de Foladori e Tommasino, descrevendo as principais concepções e suspeitas com relação ao conceito de desenvolvimento sustentável. Os argumentos na discussão podem esclarecer os profundos nexos entre sustentabilidade ecológica e sustentabilidade social, causas de muitas discordâncias conceituais e de práticas socioambientais da educação ambiental. Destacam duas concepções, sendo uma predominante que chamam de "sustentabilidade social limitada" e usual nas convenções governamentais e a outra de "coevolução sociedade-natureza". Explicam que a primeira utiliza a sustentabilidade social como ponte para chegar à sustentabilidade ecológica e que, para esta concepção, as soluções são basicamente técnicas, porquanto a segunda considera os problemas sociais como parte do desenvolvimento insustentável, e as soluções associam o ponto de vista técnico e social, o material e o simbólico. O escopo da educação ambiental passa pelas ambiguidades e dilemas apontados pelos autores.

O artigo *Sustentabilidades: concepções, práticas e utopia* traz uma reflexão a respeito do nexos entre as questões ambientais e a dimensão da utopia. A legitimidade da dimensão da utopia junto às práticas socioambientais em geral e à educação ambiental em particular poderá ter seu espaço expandido na medida em que tiver sucesso à "descolonização do imaginário", que vem sendo pautado pela felicidade medida a partir do efeito da adesão ao consumo. Para ele, os fatos em curso, o

pessimismo ante a degradação ou a adesão implacável ao consumo reforçam a urgência da reflexão e da consistência das utopias ambientalistas. Argumenta ainda que, no passado como no presente, a presença ou a ausência de utopia subsidia profundamente a lógica social, cujo fenômeno redobra a relevância das ponderações realistas para uma ação subversiva da educação ambiental, a partir de um olhar utópico. Neste sentido, ressalta a recomendável reflexão sobre uma tensão existente em face do intuito de aliar as lutas socioambientais com a expansão dos direitos, especialmente para que nossas belas utopias soem mais do que equívocos de interpretação.

Segundo Floriani, a crise é um elemento central das sociedades modernas, configuradas como sociedades de apropriação e privatização dos bens naturais e conduzidas pelos processos de produção para o mercado, em que, neste contexto sistêmico, tempo e espaço tendem a ser ressignificados concomitantemente às outras lógicas societárias de não-mercado ou de solidariedade e de preservação da biodiversidade. No artigo "*Obstáculos e potencialidades para a construção de uma sociedade sustentável, na perspectiva da educação e das práticas socioambientais*", indaga sobre os obstáculos que impedem a constituição de uma sociedade alternativa à hegemônica, bem como indagações sobre a natureza dos mesmos. Para o autor, estes obstáculos também, para a educação ambiental, não derivam apenas dos limites da linguagem (discursos, lógicas e algoritmos) ou dos modelos interpretativos do campo científico disciplinar, mas igualmente dos modelos ideológicos difusos e da própria materialidade, dos sistemas de práticas, das teorias e metodologias, dos sistemas técnicos ou peritos. A interrogação primordial que interessa destacar no contexto argumentativo diz respeito ao encantamento com a educação ambiental e a sua eficiência socioambiental, com a proteção aos bens naturais em meio ao irreversível processo de artificialismo da vida e da natureza.

A segunda parte deste livro destaca os desdobramentos para a cultura socioambiental e a educação ambiental ou a ressignificação das experiências sob a denominação do tema das *Novas Sustentabilidades*. São dois textos, *Educação Ambiental: nos caminhos da cultura e de novas sustentabilidades*, que ressalta a educação ambiental na capacidade como um diálogo entre essas diferentes temporalidades e *Sustentabilidade, cultura e alimento: Slow Food e a educação do gosto*, que apresenta um novo movimento social e suas interfaces com a educação do gosto e suas relações com a educação ambiental, no sentido de que ambas convergem quanto a um ideal de sustentabilidade ambiental.

A abrangência de uma cultura solidária e ética atenta para as condições sociais da produção e do consumo, como tal diz respeito a um novo ordenamento do cotidiano da educação ambiental e um reforço para contornar a lógica mercantil ou da mercantilização de todas as dimensões da vida. Os movimentos socioambientais atentam para práticas culturais e para um consumo alternativo ou produtos orgânicos, mesmo embrionários. Estes possuem um conteúdo político-cultural de contestação, em cujo contexto está a educação ambiental. Os elementos de crítica se inspiram de forma mais ou menos difusa, aparentemente uma visão negativa da sociedade de consumo, uma crítica da obsolescência ou desperdício, com uma refutação dos riscos emergentes com a degradação de bens ambientais e da saúde humana. As novas sustentabilidades rebatem as quiméricas necessidades, os desejos ilimitados ou os sonhos de consumo, a mercantilização e a estetização da vida como um imperativo. Por fim, os autores ressaltam que a educação ambiental representa uma capacidade de fundar um diálogo em meio às diferentes temporalidades, sem centrar as suas críticas ao consumo individual. As lutas por aumentar/modificar o conteúdo ético das relações sociais e dos produtos consumidos alinham-se com a interpretação da dimensão simbólica, espiritual e material das questões ambientais.

A terceira parte desta coletânea agrega artigos com associação estrita em que abordam a temática *As sustentabilidades e os desafios à Educação Ambiental*. O primeiro artigo de dois conhecidos pesquisadores mexicanos abraça a preferência em produzir abordagens com base nas ciências sociais para elucidar algumas concepções e interpretações do campo da educação ambiental a partir das bases conceituais contemporâneas e as experiências corretas junto aos conflitos socioambientais. No conflito das interpretações, entende-se que o Programa Internacional de Educação Ambiental representa uma plataforma visível da estratégia de divulgação de um discurso institucionalizado e a luta pela hegemonia neste campo ambiental. Na perspectiva analítica adotada, os autores ensaiam uma crítica à ótica da institucionalização da educação ambiental, aos frágeis instrumentos para averiguar quão precários ou alvissareiros são os resultados das práticas socioambientais.

No artigo *A educação ambiental e o paradigma da sustentabilidade em tempos de globalização*, a autora desenvolve um pensamento que associa o paradigma emergente da sustentabilidade às contradições inerentes aos processos da educação ambiental. Fica evidenciado o largo expediente aos recursos epistemológicos oferecidos pelas ciências sociais, mostrando-se proveitosos no compartilhamento da reflexão sobre as ações, as possibilidades de alavancar os limites e os obstáculos sociais, bem como

para dimensionar as potencialidades de mudanças no campo da educação ambiental. Por mais que atente para a dimensão cultural que envolve o campo da educação ambiental, existe uma atenção especial à relevância dos aspectos da materialidade dos processos ambientais em curso, isto é, aplicar a atenção para as interfaces entre o simbólico e a materialidade da vida cotidiana. A mesma simbiose pode ser atribuída ao relacionamento entre os âmbitos local/global, uma vez que as ações socioambientais em nível local podem também obter efeitos, como um somatório, sobre o redimensionamento global, pois desta forma se evita o olhar que restringe a influências somente do global devorando a lógica local.

Encorajando o diálogo permanente da universidade com a sociedade, o artigo *A sustentável leveza da universidade* provoca diferentes olhares à luz da Educação Ambiental, que assim alarga sua visão e aplicação além dos limites do processo ensino-aprendizagem. Entre os desafios da universidade, conta: a capacidade de aliar o conhecimento técnico e a adoção de valores éticos que combinem com a preservação de bens ambientais; apesar de moderna tecnologia parece que ainda vige uma larga insuficiência teórica para alicerçar experiências de práticas socioambientais de significativo impacto social, conjugando pesquisa e ação; a relação profícua entre movimentos socioambientais e as instituições de ensino; uma educação ambiental para além da gestão instrumental ao sistema de produção e de consumo, bem como uma abordagem abdicando ao enunciado normativo.

Os termos em questão, por serem históricos e passíveis de apropriação ou de ressignificação, refletem diferentes lugares sociais ou visões de entendimento da sociedade. É a tônica do artigo que encerra esta coletânea, ao apresentar diferentes interpretações dos termos Desenvolvimento Sustentável (DS) e Sustentabilidade (S), partindo do pressuposto básico de que uma palavra - um conceito - pode mudar o rumo de uma história, uma vez que o discurso recorrente, tanto em documentos oficiais quanto no cotidiano de diferentes recursos midiáticos, são carregados de representações. Os espaços da educação ambiental constituem-se em oportunidades peculiares no sentido de delinear "a favor de quem", "para quê" e "para quem" estão direcionadas as discussões e as tomadas de decisões sobre temas relacionados à sustentabilidade socioambiental. Ante os dilemas da sustentabilidade socioambiental, os autores acreditam que o processo educativo vivenciado no processo de formação como projeto explicita-se com referencial teórico-metodológico no campo ambiental, bem como fomenta e subsidia políticas públicas voltadas para a educação no Brasil.

Para terminar, o reconhecimento do lugar social do discurso é relevante para tratar da temática da (in)sustentabilidade numa sociedade desigual e conflituosa, pois em todos os posicionamentos incorrem interesses quanto ao uso ou à apropriação dos bens ambientais. Além do mais, no cenário ambiental, não se conforma efetivamente um ator social portador privilegiado da sustentabilidade ou do jogo da educação ambiental, cuja razão histórica seja a defesa intransigente dos bens naturais sem ambiguidades. Neste sentido, em meio aos conflitos socioambientais de apropriação ou ao uso coletivo dos bens naturais, os discursos da sustentabilidade e da educação ambiental remetem a um viés ideológico, uma vez que necessariamente reportam-se a interesses peculiares travestidos de interesses supostamente universais.

No debate em curso os aspectos da realidade socioambiental que incomodam ou que são denominados de sustentáveis ou insustentáveis estão inteiramente dependentes do lado da cerca em que nos situamos, como interpretou ao autor um agricultor. Sustentabilidade reporta-se aos interesses múltiplos em questão na educação ambiental e ao viés político em face da mercantilização de todas as dimensões da vida. A partir das conferências internacionais sobre meio ambiente e do debate interdisciplinar sobre as acepções do conceito de desenvolvimento sustentável ou da ênfase na sustentabilidade ao longo do livro, podem ser delineadas algumas tendências de interpretação: a sustentabilidade centralizada como uma dimensão humana fundamental e resultante da trajetória da cultura da modernidade; sustentabilidade socioambiental delimitada pela busca de enquadrar ao mesmo tempo os danos ambientais e o combate à pobreza e às desigualdades; a sustentabilidade como capacidade de enquadrar a sociedade no ritmo de reposição do ecossistema a partir do processo da educação ambiental; a sustentabilidade como a potencialidade em curso na qual sociedade-natureza se implicam mutuamente; o processo de uma cultura suscitada pela educação amparando uma sociedade sustentável; a confluência das dimensões social, ambiental, cultural, ética, educativa e política.

## NOTA

<sup>1</sup> Livro GUERRA, Antonio F. S.; FIGUEIREDO, Mara L. (Orgs). *Sustentabilidades em diálogos*. Itajaí: UNIVALI, 2010, 222p.